

FREDERICK KEMPE

Berlim: 1961

Kennedy, Khrushóv e o lugar mais perigoso do mundo

Tradução

Hildegard Feist

Copyright © 2011 by Frederick Kempe

Todos os direitos reservados, incluindo os de reprodução de parte ou do todo.
Publicado mediante acordo com G. P. Putnam's Sons, um selo do Penguin Group (USA) Inc.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Titulo original

Berlin 1961: Kennedy, Khrushchev, and the Most Dangerous Place on Earth

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Foto de capa

Léon Herschtritt/ La Collection

Preparação

Mariana Delfini

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Huendel Viana

Marise S. Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kempe, Frederick.

Berlin, 1961 : Kennedy, Khrushchov e o lugar mais perigoso do mundo / Frederick Kempe ; tradução Hildergard Feist. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Titulo original : Berlin 1961 : Kennedy, Khrushchev, and the Most Dangerous Place on Earth

ISBN 978-85-359-2285-1

1. Berlim (Alemanha) — Política e governo — 1945-1990 2. Berlim, Muro de (1961-1989) 3. Estados Unidos — Relações internacionais — União Soviética 4. Guerra Fria — História 5. Kennedy, John Fitzgerald, 1917-1963 6. União Soviética — Relações internacionais — Estados Unidos I. Título.

13-05070

CDD-943

Índice para catálogo sistemático:

1. Berlim, 1961 : Alemanha : História 943

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

<i>Prefácio — General Brent Scowcroft</i>	11
<i>Apresentação: O lugar mais perigoso do mundo</i>	15
 Parte I: Os atores	
1. Khruschóv: um comunista com pressa	27
<i>A história do estupro de Marta Hillers</i>	37
2. Khruschóv: a Crise de Berlim	42
3. Kennedy: a formação de um presidente	70
<i>O Atirador vem do frio</i>	88
4. Kennedy: um primeiro erro	92
5. Ulbricht e Adenauer: alianças turbulentas	108
<i>A fuga frustrada de Friedrich Brandt</i>	126
6. Ulbricht e Adenauer: inversão de papéis	130
 Parte II: A tempestade se forma	
7. Primavera para Khruschóv	145
8. Coisa de amador	168
<i>Jörn Donner descobre a cidade</i>	190
9. Diplomacia perigosa	195

10. Viena: Little Boy Blue encontra Al Capone	218
11. Viena: a ameaça de guerra	245
12. Verão agitado	272
<i>Marlene Schmidt, a mais bela refugiada do universo</i>	288
Parte III: O confronto	
13. “O lugar do grande teste”.	295
<i>Ulbricht e Kurt Wismach se desentendem</i>	321
14. O Muro: construindo a armadilha	324
15. O Muro: dias de desespero	360
<i>Eberhard Bolle acaba na prisão</i>	389
16. O retorno de um herói	392
17. Pôquer nuclear	412
18. Tensão no Checkpoint Charlie	439
Epílogo: Desdobramentos	470
<i>Agradecimentos</i>	489
<i>Notas</i>	493
<i>Referências bibliográficas</i>	544
<i>Créditos das imagens</i>	558
<i>Índice remissivo</i>	559

PARTE I
OS ATORES

1. Khruschóv: um comunista com pressa

*Temos trinta armas nucleares reservadas para a França, mais que o suficiente para destruir esse país. Estamos reservando mais cinquenta para a Alemanha Ocidental e outras cinquenta para a Inglaterra.*¹

O premiê Khruschóv ao embaixador americano Llewellyn E. Thompson Jr., 1º de janeiro de 1960

*Por mais que o ano velho tenha sido bom, o novo será ainda melhor. [...] Acho que ninguém vai me criticar se eu disser que damos grande importância à melhoria de nossas relações com os Estados Unidos. [...] Esperamos que o novo presidente americano seja como uma lufada de ar fresco dispersando o ar viciado entre os Estados Unidos e a União Soviética.*²

Khruschóv, um ano depois, no brinde de Ano-Novo, 1º de janeiro de 1961

KREMLIN, MOSCOU

VÉSPERA DE ANO-NOVO, 31 DE DEZEMBRO DE 1960

Faltavam apenas alguns minutos para a meia-noite, e Nikita Khruschóv tinha motivo para se sentir aliviado com o término de 1960. Tinha mais motivo

para se preocupar com o ano que estava para começar, enquanto observava seus 2 mil convidados sob o teto abobadado do salão São Jorge, no Kremlin. Lá fora, a tempestade depositava uma densa camada de neve na praça Vermelha e no mausoléu de seus predecessores embalsamados, Lênin e Stálin. Khruschóv reconhecia que a posição dos soviéticos no mundo, seu próprio lugar na história e — mais importante — sua própria sobrevivência política podiam depender da maneira como ele lidasse com sua tempestade de desafios.

Internamente, Khruschóv sofria as consequências de mais uma colheita precária. Apenas dois anos antes e com considerável estardalhaço, lançara um programa para superar os padrões de vida americanos em 1970, mas não estava conseguindo sequer satisfazer necessidades básicas de seu povo. Numa viagem de inspeção pelo país, constatara praticamente em toda parte falta de moradia, de manteiga, de carne, de leite e de ovos. Seus assessores lhe diziam que eram crescentes as possibilidades de uma revolta de trabalhadores semelhante à que ocorrera na Hungria em 1956 e que ele fora obrigado a esmagar com tanques soviéticos.³

Externamente, sua política de coexistência pacífica com o Ocidente, uma controversa ruptura com a noção stalinista do confronto inevitável, tivera de fazer um pouso forçado, quando um foguete soviético derrubou um avião espião americano Lockheed U-2, no mês de maio. Dias depois, provocou o colapso da Cúpula de Paris com o presidente Dwight D. Eisenhower e seus aliados da época da guerra, por não ter obtido uma desculpa pública dos Estados Unidos pela invasão do espaço aéreo soviético. Apontando o incidente como uma evidência do fracasso da liderança de Khruschóv, stalinistas remanescentes no país e na China afiavam os punhais para brandi-los contra ele no XXII Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Como o próprio Khruschóv havia usado esses encontros para se livrar de adversários, agora todos os seus planos para 1961 visavam a evitar uma catástrofe no Congresso.

Apesar de todo esse pano de fundo, não havia ameaça maior para ele que o agravamento da situação na Berlim dividida. Seus críticos diziam que ele estava deixando piorar a ferida mais perigosa do mundo comunista. Berlinenses orientais fugiam para o Ocidente num ritmo alarmante. Entre eles, alguns dos mais motivados e competentes industriais, intelectuais, agricultores, médicos e professores do país. Khruschóv gostava de dizer que Berlim era os testículos do Ocidente, que ele podia apertar, quando queria fazer os Estados Unidos

estremecerem. Porém a metáfora mais apropriada era que Berlim se tornara o calcanhar de aquiles de Khruschóv e do bloco soviético, o lugar onde o comunismo estava mais vulnerável.⁴

Nenhuma dessas preocupações transparecia em sua festa de Ano-Novo, enquanto ele circulava por entre uma multidão que incluía astronautas, bailarinas, artistas, *apparatchiks* e embaixadores, banhados na luz intensa de seis enormes lustres de bronze e 3 mil lâmpadas. Para eles, um convite para a festa do líder soviético era, por si só, uma confirmação de status. Contudo, estavam mais ansiosos que de hábito, pois John F. Kennedy tomaria posse em menos de três semanas. Sabiam que o tradicional brinde de Ano-Novo de seu líder estabeleceria o tom das relações entre os Estados Unidos e a União Soviética.

Enquanto o relógio Kuranty da torre quinhentista Spasskaya, na praça Vermelha, avançava rumo a suas estrondosas badaladas da meia-noite, Khruschóv gerava calor próprio no salão São Jorge. Apertava a mão de alguns convidados e abraçava outros, quase estourando em seu terno cinzento. Demonstrava a mesma energia que o conduzira ao poder desde seu nascimento como camponês na aldeia russa de Kalinova, perto da fronteira com a Ucrânia, passando por revolução e guerra civil, pelos expurgos paranoicos de Stálin, por uma guerra mundial e pela batalha pela liderança depois da morte de Stálin. A ascensão dos comunistas proporcionara novas oportunidades a muitos russos de origem humilde, mas nenhum deles sobrevivera com tanta habilidade nem chegara tão longe quanto Nikita Sergeevich Khruschóv.

Como Khruschóv tinha a crescente capacidade de disparar mísseis nucleares contra o Ocidente, compreender seu perfil psicológico se tornou uma ocupação crucial das agências de inteligência americanas. Em 1960, a CIA reunira cerca de vinte especialistas — médicos, psiquiatras e psicólogos — para estudar o líder soviético através de filmes, arquivos da inteligência e relatos pessoais. O grupo chegou a examinar *closes* de suas artérias para avaliar rumores de endurecimento e calcular sua pressão arterial. Num relatório ultrassecreto — que mais tarde chegaria às mãos do presidente Kennedy —, concluíram que, apesar das mudanças de humor, das depressões e das bebedeiras (sob maior controle nos últimos tempos), o premiê mantinha o comportamento coerente de um “oportunista otimista crônico”. Concluíram também que Khruschóv era mais um entusiástico ativista que um comunista maquiavélico nos moldes de Stálin, como muitos acreditavam até então.⁵

Outro estudo de personalidade ultrassecreto preparado pela CIA para a nova administração mencionava “a habilidade, a audácia, o senso da oportunidade política, a teatralidade e um certo instinto de jogador” de Khruschóv. Também informava ao recém-eleito Kennedy que por trás das maneiras muitas vezes bufas daquele homem atarracado havia uma “arguta inteligência inata, uma mente ágil, energia, ambição e implacabilidade”.⁶

O que a CIA não informou foi que Khruschóv se responsabilizara pessoalmente pela eleição de Kennedy e agora queria sua recompensa. Gabava-se para os colegas de que dera o voto decisivo num dos pleitos mais apertados dos Estados Unidos, negando os pedidos dos republicanos para libertar três aviadores americanos capturados — Francis Gary Powers, o piloto do U-2 abatido, e dois tripulantes de um RB-47 de reconhecimento derrubado pelos soviéticos no mar de Barents, dois meses depois — no auge da campanha eleitoral. Agora ele agia por múltiplos canais para conseguir uma reunião com Kennedy na esperança de resolver o problema de Berlim.

Durante a campanha, suas instruções para seus principais assessores foram claras, demonstrando seu desejo de que Kennedy vencesse e sua antipatia por Richard Nixon, que, como o vice-presidente anticomunista de Eisenhower, humilhara-o em Moscou no chamado Debate da Cozinha sobre as vantagens relativas aos dois sistemas. “Nós também podemos influenciar a eleição presidencial americana!”, Khruschóv disse então a seus camaradas. “Nunca daríamos esse presente a Nixon.”⁷

Depois da eleição, Khruschóv afirmou que, recusando-se a libertar os aviadores, custara a Nixon as centenas de milhares de votos necessários para a vitória. A uns dez minutos de caminhada da festa de Ano-Novo no Kremlin, os prisioneiros americanos mofavam na Lubyanka, a prisão da KGB, onde o líder soviético os mantinha como um trunfo político a ser negociado em algum momento por algum outro ganho.

Enquanto prosseguia a contagem regressiva para o brinde de Ano-Novo, Khruschóv continuava circulando por entre a multidão mais como um político populista que como um ditador comunista.⁸ Embora mantivesse ainda o vigor juvenil, envelhecera com a rapidez de muitos russos, tendo se tornado grisalho aos 22 anos, depois de uma doença grave. Conversando com os camaradas, muitas vezes jogava para trás a cabeça quase calva e ria com prazer de uma de suas próprias histórias, mostrando dentes feios com um vão central e dois

pré-molares de ouro. O cabelo curto e branco emoldurava um rosto redondo e animado, com três verrugas, uma cicatriz embaixo do nariz arrebitado, bochechas vermelhas com profundas marcas de riso e olhos escuros e penetrantes. Ele movia as mãos e dizia frases curtas numa voz alta, aguda e anasalada.⁹

Reconhecia muitos rostos e perguntava pelos filhos dos camaradas, chamando-os pelo nome: “Como vai a pequena Tatiana? Como vai Ivanzinho?”¹⁰

Considerando seu objetivo nessa noite, estava desapontado por não ver entre a multidão o americano mais importante de Moscou, o embaixador Llewellyn “Tommy” Thompson, com quem continuava se dando bem, não obstante o declínio das relações entre os Estados Unidos e a União Soviética. Jane, a esposa de Thompson, explicou que ele estava em casa, sofrendo com úlceras, e pediu desculpa por sua ausência. Também era verdade que o embaixador ainda se ressentia de seu encontro com o líder soviético na reunião do Ano-Novo anterior, quando um Khruschóv embriagado quase declarou a Terceira Guerra Mundial por causa de Berlim.¹¹

Eram duas horas da manhã quando Khruschóv, alcoolizado, conduziu Thompson, sua esposa, o embaixador francês e o líder do Partido Comunista italiano para uma antessala recém-construída e curiosamente decorada com uma fonte de água cheia de pedras coloridas de plástico. Então, disse a Thompson que faria o Ocidente pagar caro se não atendesse a suas exigências em relação a Berlim, as quais incluíam a retirada das tropas aliadas. “Temos trinta armas nucleares reservadas para a França, mais que o suficiente para destruir esse país”, afirmou, inclinando a cabeça na direção do embaixador francês. E acrescentou que estava reservando mais cinquenta para a Alemanha Ocidental e outras cinquenta para a Inglaterra.

Numa tentativa desastrosa de restaurar o bom humor, Jane Thompson perguntou quantos foguetes ele pretendia disparar contra o Tio Sam.

“Isso é segredo”, Khruschóv respondeu, com um sorriso maldoso.

Para evitar que a conversa degenerasse, Thompson propôs um brinde à futura Cúpula de Paris com Eisenhower e à possibilidade de melhores relações entre os dois países. Mas Khruschóv apenas reforçou suas ameaças, deixando de lado o compromisso que assumira com Eisenhower de não tomar quaisquer medidas referentes a Berlim antes da reunião de Paris. Thompson só conseguiu encerrar a sessão regada a vodca às seis horas da manhã, quando deixou o Kremlin

ciente de que as relações das superpotências dependiam da incapacidade de Khruschóv de, na manhã seguinte, lembrar alguma coisa do que dissera naquela noite.

Na mesma manhã, o embaixador americano enviou um telegrama ao presidente Eisenhower e ao secretário de Estado Christian Herter, transcrevendo os comentários do premiê, porém advertindo que não deviam ser “interpretados ao pé da letra”, já que ele estava embriagado. E acrescentou que Khruschóv só queria “fazer-nos ver a seriedade” da situação de Berlim.

Um ano mais tarde, e com Thompson seguro em casa, o líder soviético estava mais sóbrio e mais generoso quando soaram as doze badaladas. Logo depois que os sinos anunciaram a chegada de 1961 e que se acenderam as luzes da árvore de doze metros, no salão São Jorge, ergueu a taça e pronunciou um brinde que seria compreendido como uma direção doutrinária pelos líderes do partido e repetido pelo telégrafo diplomático em todo o mundo.

“Feliz Ano-Novo, camaradas, feliz Ano-Novo! Por mais que o ano velho tenha sido bom, o novo será ainda melhor!”

A sala explodiu em vivas, abraços e beijos.

Khruschóv brindou ritualmente aos trabalhadores, aos camponeses, aos intelectuais, aos conceitos marxistas-leninistas e à coexistência pacífica entre os povos. Num tom conciliador, declarou: “Consideramos o sistema socialista superior, mas nunca tentamos impô-lo a outros Estados”.¹²

A sala ficou em silêncio, quando ele passou a falar de Kennedy.

“Caros camaradas! Amigos! Senhores! A União Soviética se esforça de todo modo para ter laços de amizade com todos os povos. Mas acho que ninguém vai me criticar se eu disser que damos grande importância à melhoria de nossas relações com os Estados Unidos, porque, em grande parte, elas determinam outras relações. Gostaríamos de acreditar que os Estados Unidos lutam pelo mesmo objetivo. Esperamos que o novo presidente americano seja como uma lufada de ar fresco dispersando o ar viciado entre os Estados Unidos e a União Soviética.”

O homem que um ano antes contara as bombas atômicas que despejaria no Ocidente assumia agora uma pose de pacificador. “Durante a campanha eleitoral”, ele prosseguiu, “o sr. Kennedy falou que, se fosse presidente, teria se desculpado com a União Soviética” por ter enviado aviões espões para sobrevoarem seu território. Acrescentou que queria deixar “esse lamentável episódio

no passado e não voltar a mencioná-lo. [...] Acreditamos que, votando no sr. Kennedy e contra o sr. Nixon, os americanos mostraram que desaprovam a política da Guerra Fria e o agravamento das relações internacionais”.

Khruschóv ergueu a taça, novamente cheia. “À coexistência pacífica entre as nações!”

Vivas.

“À amizade e à coexistência pacífica entre todos os povos!”

Vivas ensurdecedores. Mais abraços.

A escolha da linguagem era estudada. O uso repetitivo do termo “coexistência pacífica” era, ao mesmo tempo, uma declaração de intenções em relação a Kennedy e uma mensagem de determinação a seus rivais comunistas. Ao reconhecer os limites econômicos dos soviéticos e as novas ameaças nucleares, em seu famoso discurso secreto no xx Congresso do Partido Comunista de 1956, Khruschóv introduzira a noção de que os Estados comunistas podiam coexistir e competir pacificamente com os Estados capitalistas. No entanto, seus opositores eram favoráveis a um retorno às ideias stalinistas mais agressivas de revolução mundial e preparativos mais ativos para a guerra.

No alvorecer de 1961, os fantasmas de Stálin representavam para Khruschóv um perigo muito maior que qualquer ameaça do Ocidente. O que Stálin lhe deixara, depois de sua morte, em 1953, foi uma União Soviética combalida, com 209 milhões de habitantes e dezenas de nacionalidades espalhadas por um sexto da superfície terrestre. As batalhas da Segunda Guerra Mundial consumiram um terço da riqueza do país e ceifaram 27 milhões de vidas, ao mesmo tempo que destruíram 17 mil cidades e 70 mil aldeias.¹³ Sem falar nos milhões de pessoas que Stálin havia matado por meio de uma escassez provocada e com seus expurgos paranoicos.¹⁴

Khruschóv acusava Stálin de ter dado início a uma Guerra Fria desnecessária e cara antes de a União Soviética conseguir se recuperar da devastação. Condenava-o, em especial, pelo bloqueio de Berlim em 1948, quando o ditador subestimou a determinação americana e superestimou a capacidade dos soviéticos numa época em que os Estados Unidos ainda detinham o monopólio nuclear.¹⁵ O resultado foi o fim do embargo por parte do Ocidente, a criação, em 1949, da Otan e da Alemanha Ocidental e o compromisso americano de permanecer na Europa por mais tempo. A União Soviética pagou um preço alto, porque, na opinião de Khruschóv, Stálin “não pensou bem”.

Tendo acenado para Kennedy com a paz em seu brinde de Ano-Novo, um Khruschóv ainda sóbrio às duas da madrugada chamou Hans Kroll, o embaixador da Alemanha Ocidental, para uma conversa particular. Considerava esse alemão de 62 anos o embaixador ocidental mais importante depois do ausente Thompson e tinha com ele muito mais afinidade pessoal do que com o enviado americano, já que Kroll era fluente em russo e, como muitos alemães de sua geração, estava convencido de que, nos planos cultural, histórico e, potencialmente, político, seu país estava mais próximo de Moscou que de Washington.

Juntamente com o vice-premiê Anastas Mikoyan e Alexei Kossiguin, membro do Presidium, Khruschóv e Kroll se dirigiram para a mesma antessala onde, um ano antes, o líder soviético ameaçara Thompson. Naquela ocasião, Kroll deixara a celebração em sinal de protesto depois que Khruschóv usara o brinde para condenar a Alemanha Ocidental como “revanchista e militarista”.

Agora, porém, Khruschóv estava sedutor e chamou um garçom para servir champanhe da Crimeia a Kroll. Enquanto saboreava um suave vinho tinto da Armênia, explicou ao embaixador que não estava tomando vodca e outras bebidas fortes por ordem do médico. Kroll adorava essas conversas pessoais com o premiê e, nesses momentos, costumava se aproximar dele fisicamente e falar aos cochichos para ressaltar sua intimidade.

Kroll nasceu quatro anos depois de Khruschóv na cidade prussiana de Deutsch Piekar, que em 1922 seria cedida à Polônia. Aprendeu a falar russo quando, ainda menino, pescava no rio que dividia os impérios germânico e tsarista. Seus dois primeiros anos como diplomata em Moscou remontavam à década de 1920, quando a Alemanha pós-Primeira Guerra Mundial e a nova União Soviética comunista, dois dos países mais injuriados do planeta, firmaram o Tratado de Rapallo, que rompeu com seu isolamento diplomático e formou um eixo contra o Ocidente e contra o Tratado de Versalhes.¹⁶

Segundo Kroll, as hostilidades europeias só terminariam com um acordo que melhorasse o relacionamento entre a Alemanha Ocidental e a União Soviética — “os dois países mais poderosos da Europa”. Ele agia nesse sentido desde que liderara o departamento do comércio leste-oeste do ministério da Economia, em 1952, quando a Alemanha Ocidental tinha apenas três anos de existência. Por causa de suas convicções, muitas vezes entrou em conflito com os Estados Unidos, que continuavam muito cautelosos, considerando que uma relação amistosa demais poderia abrir caminho para uma Alemanha Ocidental neutra.

Khruschóv era grato a Kroll porque, no outono, ele conseguira fazer Konrad Adenauer, o chanceler da Alemanha Ocidental, aprovar novos acordos econômicos com o mundo comunista, inclusive o acordo comercial entre as duas Alemanhas, interrompido meses depois. Embora a Alemanha Oriental fosse satélite dos soviéticos, Khruschóv considerava a Alemanha Ocidental muito mais importante para a economia de seu país, porque lhe dava acesso a maquinaria e tecnologia modernas, bem como a empréstimos em moeda forte.

Assim, ergueu a taça num brinde ao que chamou de extraordinária reconstrução da República Federal da Alemanha no pós-guerra. E disse a Kroll que esperava que o chanceler Adenauer usasse seu crescente poderio econômico e sua maior independência dos Estados Unidos para se distanciar de Washington e aprimorar ainda mais suas relações com Moscou.

Depois Kossiguin pediu permissão a Kroll para também erguer a taça. “O senhor é o embaixador de todos os alemães”, disse-lhe, refletindo a opinião de Khruschóv de que a União Soviética estaria muito mais bem servida se tivesse como aliados os alemães-ocidentais, com todos os seus recursos, ao invés dos incômodos alemães-orientais, com suas constantes necessidades econômicas e seus produtos de qualidade inferior.

Khruschóv então temperou essa sedução com uma ameaça: “O problema da Alemanha precisa ser resolvido em 1961”. Acrescentou que perdera a paciência com a recusa dos americanos em negociar uma alteração no status de Berlim que lhe permitisse deter o fluxo de refugiados e assinar um tratado de paz com a Alemanha Oriental. Mikoyan informou a Kroll que “certos círculos” de Moscou estavam pressionando Khruschóv de tal modo que ele não conseguiria resistir por muito mais tempo e logo teria de tomar providências em relação a Berlim.

Kroll entendeu que Mikoyan se referia ao que os círculos do partido soviético chamavam de o “lobby de Ulbricht”,¹⁷ um grupo fortemente influenciado pelas reclamações cada vez mais estridentes do líder alemão-oriental contra Khruschóv, que, a seu ver, não estava defendendo o Estado socialista da Alemanha com vigor suficiente.

Mais afável depois de tantos cumprimentos e tanto champanhe, o embaixador reconheceu que o premiê vinha tendo extraordinária paciência com Berlim. Advertiu-o, porém, de que, se alterasse unilateralmente o status quo da cidade, provocaria uma crise internacional e talvez até um conflito armado com os Estados Unidos e o Ocidente.

Khruschóv discordou. Pouco lhe importava que o Ocidente reagisse com “uma comoção passageira”. “Ninguém no mundo declararia guerra por causa de Berlim ou da questão alemã”, assegurou. Ciente de que Kroll relataria a conversa aos americanos e a seus superiores, afirmou que preferia um acordo negociado a uma ação unilateral de sua parte, mas enfatizou: “Vai depender de Kennedy”.

Às quatro horas da manhã, encerrou a reunião e, acompanhado de Kroll, Kossiguin e Mikoyan, atravessou o salão, onde a multidão parou de dançar e abriu caminho para eles.

Nem mesmo um diplomata experiente como Kroll conseguia saber qual das frequentes ameaças de Khruschóv devia ser levada a sério. No entanto, a maneira como ele acabara de abordar a questão de Berlim o convenceu de que o novo ano assistiria a um confronto por causa do problema. Kroll exporia sua opinião a Adenauer — e, através dele, aos americanos. Não tinha dúvida de que Khruschóv concluía que os riscos da inação estavam se tornando maiores que os perigos da ação.

Contudo, a maneira como o ano transcorreria — com cooperação ou confronto — dependia do dilema que estava no âmago das ideias de Khruschóv sobre Berlim.

Por um lado, o líder soviético tinha a certeza de que não poderia enfrentar uma competição militar ou uma guerra contra os americanos. Estava empenhado em negociar uma coexistência pacífica com os Estados Unidos e procurava se aproximar do novo presidente americano na esperança de negociar um acordo sobre Berlim.

Por outro lado, sua reunião com o embaixador Kroll demonstrara a crescente pressão exercida sobre ele para que resolvesse o problema de Berlim antes que isso se tornasse uma ameaça maior para o império soviético e, no curto prazo, para sua própria liderança.

Por esse motivo, Khruschóv era um comunista com pressa.

E esse não era seu único problema com Berlim. Os berlinenses o desprezavam, abominavam os soldados soviéticos, estavam cansados da ocupação. Suas lembranças do pós-guerra eram só as ruínas...

A história do estupro de Marta Hillers

EM ALGUM LUGAR DA SUÍÇA
JANEIRO DE 1961

O único consolo de Marta Hillers era ter se recusado a assinar o extraordinário manuscrito em que ela relatava meticulosamente a conquista soviética de Berlim na fria primavera de 1945. Essa foi uma época em que sua vida — como a de dezenas de milhares de mulheres e meninas berlinenses — se transformara num pesadelo de medo, fome e estupro.¹⁸

Publicado pela primeira vez na Alemanha em 1959, o livro retratava uma das piores atrocidades cometidas por militares.¹⁹ Segundo estimativas extraídas dos registros de hospitais, entre 90 mil e 130 mil berlinenses foram estupradas nos últimos dias da guerra e nos primeiros dias da ocupação soviética. Dezenas de milhares de outras mulheres sofreram a mesma violência em outros lugares da zona soviética.

Hillers esperava que seu livro fosse bem recebido por um povo que queria que o mundo soubesse que ele também havia sido vítima da guerra. No entanto, os berlinenses reagiram com hostilidade ou com silêncio. O mundo ainda sentia pouca compaixão por qualquer dor causada aos alemães, que infligiram tanto sofrimento ao resto do planeta. As berlinenses que tinham passado por

essa humilhação não queriam recordá-la. E para os berlinenses era doloroso demais lembrar que não conseguiram proteger suas esposas e filhas. O começo de 1961 foi uma época de complacência e amnésia na Alemanha Oriental e em Berlim Oriental, e havia pouco motivo para se transtornar com uma história que ninguém podia mudar e não tinha estômago para digerir.

Talvez a reação dos alemães não fosse surpresa para Hillers, considerando a vergonha que ela mesma demonstrara ao assinar suas memórias, *Uma mulher em Berlim: Diários dos últimos dias de guerra*, apenas como “Anônima”. Ela as publicara só depois de se casar e mudar para a Suíça. O livro não circulara nem fora resenhado na Alemanha Oriental, e apenas alguns exemplares foram contrabandeados para a zona comunista em malas repletas de revistas de moda ocidentais e outras publicações de cunho mais escapista. Em Berlim Ocidental, as memórias da Anônima venderam mal, e os críticos a acusavam ou de propaganda anticomunista, ou de manchar a honra das alemãs — algo que a autora insistia que os soldados soviéticos haviam feito muito antes dela.

Uma dessas críticas, escondida na página 35 do *Der Tagesspiegel*, de Berlim Ocidental, tinha como título: “UM DESSERVIÇO ÀS BERLINENSES. BEST-SELLER NO EXTERIOR — UM CASO ESPECIAL FALSIFICADO”. O que irritou o crítico, que acusava a autora de “desavergonhada imoralidade”, era a narrativa inflexível que captava com tanta força o cinismo dos meses do pós-guerra.²⁰ Julgamentos como o do *Der Tagesspiegel* levaram Hillers a permanecer no anonimato e a proibir novas edições do livro até o fim de sua vida, em 2001, aos noventa anos.

Marta Hillers nunca saberia que, depois de sua morte, o livro seria republicado e se tornaria um best-seller em vários idiomas, inclusive na edição alemã de 2003. Nem teria a satisfação de ver sua história transformada num grande filme alemão, em 2008, e prestigiada pelas feministas em toda parte.

Em 1961, ela estava mais preocupada em fugir dos repórteres que tentavam localizá-la a partir de algumas pistas em suas páginas. O livro revelava que ela era uma jornalista de trinta e poucos anos, havia morado no bairro de Tempelhof, passara tempo suficiente na União Soviética para falar um pouco de russo e era “uma loira pálida, sempre vestida com o mesmo casaco de inverno”. Nada disso foi suficiente para identificá-la.

Contudo, na época, nada expressava melhor a atitude dos alemães em relação aos ocupantes de seu país que a essência do livro de Hillers e a aversão dos berlinenses em lê-lo. A relação da Alemanha Oriental com seus ocupantes

militares soviéticos — cujo número, em 1961, estava entre 400 mil e 500 mil — era um misto de piedade e pavor, complacência e amnésia.²¹ A maioria dos alemães-orientais se conformara com a convivência que parecia permanente. E muitos dos que não se conformaram haviam fugido.

A pena que os alemães-orientais sentiam de seus ocupantes soviéticos, a quem consideravam inferiores, devia-se ao que podiam ver com os próprios olhos: adolescentes subnutridos e sujos, com uniformes imundos, que se agachavam para pegar tocos de cigarro ou trocavam suas medalhas e sua gasolina por qualquer forma de álcool consumível que os ajudasse a esquecer por alguns momentos sua existência miserável.²²

A piedade também se devia aos alarmes ocasionais que acompanhavam desesperadas tentativas de deserção. Às vezes os soldados adolescentes não conseguiam mais aguentar a brutalidade dos oficiais, os maus-tratos por parte dos colegas, os alojamentos frios e lotados.

Construído no Terceiro Reich ou antes, o quartel abrigava o triplo de homens que Hitler alojara ali. A última fuga ocorrera depois de uma insurreição na véspera de Ano-Novo, quando quatro soldados do quartel de Falkenberg escaparam para Berlim Ocidental e patrulhas de busca soviéticas foram enviadas para vasculhar a fronteira da cidade.²³ Dizia-se que os soldados soviéticos atearam fogo a estábulos e outros locais onde os desertores tinham ido se esconder — queimando os fugitivos vivos junto com os animais.

Isso só aumentou o profundo pavor que os alemães tinham dos soviéticos.

Esse pavor havia crescido em função dos acontecimentos de 17 de junho de 1953, quando tropas e tanques soviéticos sufocaram uma revolta de trabalhadores que, depois da morte de Stálin, sacudira o jovem Estado da Alemanha Oriental até suas frágeis bases. Trezentos alemães-orientais morreram e 4270 foram presos.²⁴

No entanto, as raízes mais profundas do terror dos alemães-orientais estavam nos fatos descritos por Hillers. As mulheres tinham motivo para estremecer quando um soldado soviético passava por elas ou quando Walter Ulbricht, o líder da Alemanha Oriental, falava no rádio sobre a duradoura amizade com o povo soviético.

Hillers explicava por que os estrangeiros demonstravam tão escassa compaixão pelo sofrimento das alemãs — e por que muitos alemães se perguntavam

se um Deus vingativo não enviara o estupro como um castigo pela má conduta das mulheres. No primeiro dia da ocupação, Hillers escreveu:

Nossa calamidade tem um gosto amargo — de repulsa, doença, insanidade, diferente de qualquer coisa na história. O rádio transmite mais uma notícia sobre os campos de concentração. A coisa mais horrível é a ordem e a economia: milhões de seres humanos transformados em fertilizante, estofos de colchão, sabão, capacho — Ésquilo nunca viu nada parecido.

Ela se desesperava com a estupidez dos líderes nazistas, que, baseando-se na teoria de que soldados embriagados seriam adversários menos perigosos, ordenaram que se deixasse bebida para as tropas soviéticas que avançavam. Sem a embriaguez dos soviéticos, Hillers escreveu, as berlinenses teriam sofrido a metade dos estupros nas mãos dos russos, que “não são Casanovas inatos” e desse modo “afogaram suas inibições”.

Assim ela descreve um dos muitos estupros que sofreu e conta como decidiu buscar proteção.

O homem que está em cima de mim é mais velho, sua barba por fazer é grisalha, e ele cheira a conhaque e a cavalo [...]. Nenhum ruído. Só um involuntário ranger de dentes, quando ele rasgou minha roupa de baixo. A última que eu tinha ainda inteira.

De repente, seu dedo está em minha boca, cheirando a cavalo e a tabaco. Abro os olhos. As mãos de um estranho forçam minhas mandíbulas. Olho no olho. Depois, com grande determinação, ele cospe em minha boca.

Estou prostrada. Não por causa do nojo, mas por causa do frio. Minha espinha está gelada: calafrios percorrem-me a nuca. Sinto-me deslizando e caindo, caindo através dos travesseiros e das tábuas do assoalho. Então é isso que significa afundar no chão.

Mais uma vez, olho no olho. A boca do estranho se abre, dentes amarelos, um na frente está meio quebrado. Os cantos dos lábios se erguem, pequenas rugas se irradiam dos cantos dos olhos. O homem sorri.

Antes de sair, ele tira alguma coisa do bolso das calças, joga-a na mesinha de cabeceira e, sem dizer uma palavra, empurra a cadeira para o lado e bate a porta

atrás de si. Um maço amarfanhado de cigarros russos quase vazio. Meu pagamento.

Levanto-me — tonta, nauseada. Minha roupa rasgada cai a meus pés. Cambaleio pelo quarto [...] até o banheiro. Vômito. Meu rosto verde no espelho, meu vômito na pia. Sento-me na borda da banheira, sem ousar me lavar, pois ainda tenho ânsia de vômito e há pouca água no balde.

Foi nesse momento que Marta Hillers tomou sua decisão. Limpou-se um pouco e saiu para a rua, disposta a caçar um “lobo”, um oficial soviético de patente mais alta que se tornasse seu protetor. Concluiu que era melhor ser usada muitas vezes só por um russo que por uma sucessão interminável de russos. Como milhões de alemães, estava tentando se conformar com uma ocupação à qual não podia resistir.

Só anos depois os estudiosos tentariam reconstituir todo o horror dessa época. Entre o final do verão e o começo do outono de 1945, pelo menos 110 mil mulheres, dos doze aos 88 anos, foram estupradas. Aproximadamente 40% das vítimas foram estupradas em várias ocasiões. Uma em cada cinco dessas mulheres engravidou, cerca da metade deu à luz, a outra metade recorreu ao aborto, geralmente sem anestesia. Em torno de 5% de todos os bebês nascidos em Berlim no ano seguinte seriam *Russenbabys*. Em toda a Alemanha, o número seria de 150 mil a 200 mil crianças.

Foi quando essas crianças estavam se tornando adolescentes, em 1958, que Khruschóv provocou o que se tornaria conhecido como a Crise de Berlim.